

LIMITE BREVE

CARLOS FRAZÃO

Habito junto ao mar, em águas físicas, com o silêncio na boca. As manhãs nascem claras despontando húmidas no voo dos pássaros. A casa de onde reflecto o movimento ascendente das ondas perde-se na bruma tardia dos pinhais. Habitação recente com janelas largas voltadas ao vento. No fim dos dias todas as salas aderem a uma solidão cálida e madura por entre a articulação das minhas palavras brancas. Fico muito tempo a olhar o cântico fluido das gaivotas com asas no poente. As paredes interiores adquirem sombras de uma cor extrema e lisa e, por vezes, formam-se gotas de água límpida que escorrem ao longo da cal — os sonhos de Água! Terra entre água e luz, dilacerada pela areia vinda do norte, colhida na espuma qua a atravessa até às árvores.

Neste fim de dia a água e o sol banham-me o corpo. Atiro o corpo à água deixando apenas os cabelos sobre a terra. Água e terra, unidade de fogo, seiva, pleno contacto de existências. Além há vozes humanas que se misturam nos vagidos do mar. Novas aves precipitam-se húmidas sobre montículos de areia ou, mais atrás, nas dunas. Nelas destacam-se raízes já ressequidas pelo sol e algumas folhas dispersas pelo ar marítimo. Detenho-me entre a superfície imensa de azul ondulado e as planícies adjacentes aos montes circundantes. Para o coração no olhar vazio da existência. O cuspe saboreia-me os lábios frios do vento. As palavras pensam a minha memória que numa mão seguro no peito. Há um completo silêncio, uma ligação às pétalas que escurecem à luz amarelecida da tarde semi-ausente.

Caminho pela orla marítima com uma luminosidade intermitente no rosto — raios de um farol distante sobre pedras e musgo. Talvez outra vida naquela claridade medite sobre lugares longínquos. Possíveis portos e docas onde navios chegam atrasados neste Agosto. É possível ainda perfurar o tempo, aniquilá-lo em sangue ou em água, mergulhar fundo com as algas a dar pelos cabelos. É preferível desaparecer numa onda e em líquido voltar ao areal deserto. Então a casa como uma superfície de veias será um só sonho ou passáro levando pedaços de corpo pelo enigma do céu.

Resta-me este vidro que me separa do vento. A realidade permanece imóvel ao nível do cérebro. A vida pende-medos dedos. Olho as palmas macias e brancas enquanto a aurora celeste surge repentinamente do mar sereno, depois, mais próxima, na frescura do orvalho da janela. Tudo é sombra e sombras, possibilidade de corpos, de cristas altas, de areia intacta e fina. Imundo a boca nas mãos, vou submergindo na alegria das aves, passo longe e, mais longe num voo indistinto, perco-me em movimentos de água, fogo e penas.

17/Outubro/79